UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

# PROJETO DE DOUTORADO

**A trajetória de Godofredo Rangel na *Revista do Brasil***

Orientanda: Camila Russo de Almeida Spagnoli

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes

São Paulo

2015

# A trajetória de Godofredo Rangel na *Revista do Brasil*

# Resumo:

Este projeto de pesquisa destinado ao doutoramento focaliza, entre a segunda metade do decênio de 1910 e 1930, Mário de Andrade leitor dos parnasianos brasileiros e franceses a partir da presença de autores e obras por ele anotados ou não, no acervo de sua biblioteca particular, compreendida hoje como duas coleções em dois espaços distintos. A primeira corresponde à coleção vinculada ao Acervo Mário de Andrade, no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros, na Universidade de São Paulo (IEB/USP) e a segunda aos títulos que restaram da doação, feita pelo escritor, à Biblioteca Pública de Araraquara em 1943.

O projeto tem como objetivo analisar e interpretar o diálogo intertextual do poeta e crítico paulistano com os parnasianos brasileiros e franceses, materializado em suas leituras e em sua marginália, diálogo esse refletido em sua obra publicada e inédita, bem como em sua epistolografia. Culminará no ensaio, isto é, na tese que se apoiará em um segundo objetivo: a constituição de subsídios para análise, mediante o registro e a classificação da marginália de Mário de Andrade na poesia do parnasianismo, tarefas concernentes, também, à difusão dessa matéria em um CD-Rom. A pesquisa, ao trabalhar as ligações de Mário de Andrade, conhecido à saciedade como modernista, com o parnasianismo, desvendará uma faceta do escritor até o momento não visitada diretamente pela crítica.

# Introdução e justificativa, com síntese da bibliografia fundamental

Este projeto vinculado ao doutoramento tem como ponto de partida minha pesquisa de Iniciação Científica: *A correspondência de Monteiro Lobato como documento da formação do autor* (2007-2009), com bolsa da FAPESP (07/53862-9), orientada pela Profa. Dra. Marisa Lajolo, na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

No primeiro ano de Iniciação, o objetivo estabelecido foi de conhecer a formação e o provável percurso literário do ainda jovem José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), por meio de sua correspondência com o também escritor José Godofredo de Moura Rangel (1884-1951), reunida em *A barca de Gleyre* (1944). Nas cartas, buscava-se mapear as concepções de Lobato acerca de estilo, as obras que lia e comentava com o amigo e a forte presença da literatura francesa e, posteriormente, da literatura portuguesa, até tornar-se o célebre Monteiro Lobato, escritor de *Urupês* (1918).

Contudo, no segundo ano de desenvolvimento da Iniciação Científica, ao atender a sugestão da assessoria da FAPESP de investigar um pouco mais sobre o escritor Godofredo Rangel, reuni informações e materiais sobre o correspondente lobatiano, uma vez que poucos são os pesquisadores que se detêm em estudá-lo.

O mestrado deu seguimento à primeira etapa da Iniciação e culminou na dissertação *Monteiro Lobato, o leitor[[1]](#footnote-1),* na qual focalizei a formação lobatiana, por meio de um levantamento de referências do próprio Monteiro Lobato em suas cartas, bem como nos livros que fizeram parte de suas estantes, traçando um panorama das possíveis leituras realizadas por ele.

A pesquisa aqui proposta para o doutoramento marca um retorno aos estudos acerca do escritor Godofredo Rangel, partindo de sua produção em diferentes números da *Revista do Brasil,* circunscrevendo-se ao período que vai de janeiro de 1917, com a publicação do ensaio “O estilo de Fialho”, a abril de 1924, que traz o conto “O bedel” [[2]](#footnote-2).

O elemento chave/ fio condutor que direciona as pesquisas desenvolvidas e este projeto é o trabalho com as cartas d’ *A barca de Gleyre,* livro que Lobato organiza e publica pela Companhia Editora Nacional em 1944, acha-se reunida somente a correspondência ativa endereçada ao amigo e escritor Godofredo Rangel; soma 340 cartas e dois bilhetes. Cobre o período 1903-1948, sendo o primeiro um bilhete sem data, dado como de 1903, e o último, uma carta de 23 de junho de 1948, doze dias antes da morte do remetente, encerrando mais de quarenta anos de conversa epistolar.

Entretanto, antes de nos deter nas cartas, como se dá o encontro dos dois jovens e ensaiam-se os primeiros passos dessa conversa epistolar?

Na cidade de Taubaté (SP), José Bento Monteiro Lobato nasce a 18 de Abril de 1882, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olympia Monteiro Lobato. Passa a infância na cidade natal e, após a morte dos pais, é criado pelo avô materno, José Francisco Monteiro, Visconde de Tremembé. Em 1900, muda-se para a cidade de São Paulo, aprovado nos exames da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, que frequenta até 1904. É neste espaço de tempo que conhece José Godofredo de Moura Rangel, seu correspondente.

Nascido na cidade mineira de Três Corações, a 21 de novembro de 1884, Rangel chega à capital paulista em 1902 para também cursar Ciências Jurídicas e Sociais no Largo de São Francisco. Entretanto, em 1904, passa a residir em Campinas, onde leciona por alguns meses, valendo-se da possibilidade de prosseguir no curso jurídico sem frequência integral. Falece de câncer em 4 de agosto de 1951, em Belo Horizonte[[3]](#footnote-3).

Na época de estudante, Rangel conhece Lobato por intermédio do amigo Ricardo Gonçalves (1883 -1916) e com outros jovens, nem todos egressos do Largo de São Francisco, formam o grupo autodenominado Cenáculo que se reúne, quase todas as noites, no Café Guarani, à rua 15 de Novembro, e na república estudantil do Minarete, chalé amarelo no Belenzinho onde os três amigos chegaram a morar. O crescimento das afinidades faz com que, em 1903, Lobato intime Rangel a ingressar no universo das cartas:

Sigo logo para a fazenda e quero de lá corresponder-me contigo longa e minuciosamente, em cartas intermináveis – mas é coisa que só farei se me convencer de que realmente queres semelhante coisa.

Mando um *Estado* com o discurso do Ramalho Ortigão, e o começo do meu *Diário*. E vai uma revista com capa minha.

Responda sem demora se está disposto a ser caceteado à distância- telecaceteado![[4]](#footnote-4)

Repleta de pequenos objetos de sedução nas menções ao jornal, o texto e a revista, as cartas fisgam o destinatário. Como não se tem acesso à resposta de Rangel, é o próprio perdurar da correspondência que testemunha o pacto epistolar. Ao reconhecer que era pouco o tempo de convívio, a amizade mantida na ausência transfere para o diálogo das cartas a encenação de uma quase convivência, sendo o meio encontrado para se expressar e, principalmente, compartilhar o exercício literário.

O gosto máximo pela literatura marca os primeiros anos dessa conversa em mangas de camisa e pé no chão, como a denomina Lobato em sua carta de 7 de novembro de 1904. Em meio a assuntos ligados à esfera cotidiana, os missivistas encontram na correspondência espaço para discorrer sobre leituras, criticar escritores e personalidades da época, trocar esboços e originais dos próprios textos, comentar a criação.

Conhecidas nossas são as cartas de Monteiro Lobato. Entretanto, há sempre algumas perguntas que são levantadas em torno dessa amizade escrita: O que aconteceu com as cartas de Godofredo Rangel? Por que elas não foram publicadas? Estas cartas existem de fato? Se existem, com quem estão?

As respostas são diversas e trazem hipóteses que deixam muitas vezes os leitores e pesquisadores diante de questões próprias da genética epistolar. No ensaio “Qual genética para as correspondências?”, José-Luis Diaz refere-se às cartas “fantasmas”:

Em matéria epistolar, os fantasmas são as cartas hoje perdidas, que não possuem senão uma existência hipotética, mas cuja presença virtual se deduz, certamente, através de outras cartas que fundamentam sua existência – seja pela simples alusão, seja às vezes por citações.[[5]](#footnote-5)

Constituirão um verdadeiro caso de fantasma epistolar as cartas de Godofredo Rangel a Lobato? Eis que parte dessa obscuridade é iluminada nas páginas de um periódico mineiro, em 1984. Organizados por Márcio Sampaio, dois números especiais do *Suplemento Literário* do jornal oficial daquele Estado, o *Minas Gerais*[[6]](#footnote-6), em 24 de novembro e 1° de dezembro, são dedicados a Godofredo Rangel como homenagem ao escritor no ano de seu centenário. Por meio da transcrição de artigos críticos, depoimentos de amigos e familiares, capítulos de romances, contos, além de material inédito como trechos de obras e uma parcela das tão aguardadas cartas a Monteiro Lobato, o *Suplemento* delineia aspectos da vida deste escritor que também foi tradutor, professor e juiz.

A não publicação das cartas é assunto desde as primeiras páginas do *Suplemento Literário* de 24 de novembro, 1984, ao oferecer o artigo “Godofredo Rangel”, em verdade uma parcela da biografia do escritor, escrita por Enéas Athanázio[[7]](#footnote-7). Mesmo lançando seus livros e tendo boa repercussão na crítica, Rangel permanecia tímido e expressava esse acanhamento diante de uma possível publicação de suas cartas. Após ter sugerido que Lobato publicasse as próprias cartas e as reunisse n’*A barca de Gleyre*, ainda que em meio a tantos pedidos, não franqueia as suas missivas e proíbe o filho, Nello de Moura Rangel, de fazer isso[[8]](#footnote-8).

Uma das justificativas referidas para a não publicação é de que Godofredo Rangel julgava as próprias cartas sem interesse especial quanto ao conteúdo, entendendo que apenas provocavam as excelentes respostas de Lobato. Por essa razão, o plano original de editar a correspondência recíproca fora preterido e o prefácio d’*A barca de Gleyre* tornara-se tarefa para Edgard Cavalheiro:

Minha ideia no começo era dar as tuas e as minhas [cartas] juntas, articuladas, mas vi que isso iria estragar tudo. Para quem está de fora, tem muito mais interesse uma conversa telefônica da qual só ouve um lado; o fato de não ouvir o outro lado força mais a imaginação. Fica um imenso campo de colaboração aberto à imaginativa do auditor. Solto agora as minhas cartas a você; e depois você solta as tuas a mim.[[9]](#footnote-9)

Fato é que as cartas não saíram n’*A barca* e até hoje são objetos do desejo de muitos pesquisadores. Contudo, o *Suplemento Literário* garantiu o acesso a dezessete cartas, até então inéditas, de Rangel para Lobato. Escritas entre 1905-1948, de diferentes cidades – São Paulo, Caldas, Silvestre Ferraz, Campinas, Três Pontas, Belo Horizonte – ocupam-se, principalmente, do cotidiano de Rangel, de suas leituras e produção literária.

A recusa de publicar, afetando não só as cartas, mas também de parte da obra, perpassa a vida de Rangel, como testemunha *A barca de Gleyre*,onde vemos as insistentes tentativas de Lobato em divulgar contos e romances do amigo. O biógrafo Enéas Athanázio analisa:

Monteiro Lobato, o amigo e confidente, o ‘buldogue’ da Cainçalha, chegou ao auge da fama literária. Tornou-se extremamente popular, viveu em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Nova Iorque. Ele [Rangel], porém, vegetou em pobres vilocas interioranas, mais ou menos desconhecidas. Não há dúvida, entretanto, que contribuiu para essa situação. Nunca se promoveu ou procurou propagar o próprio nome e a sua obra. Contentava-se, parece, com a posição de “outro lado” do célebre taubateano.[[10]](#footnote-10)

Márcio Sampaio, no texto “A outra barca”, não só enaltece Rangel como também traz algumas informações acerca dos rumos tomados pelo arquivo do escritor:

Aconselhando os filhos que queimassem seus papéis – rascunhos, esboços, tudo que ficara como massa ainda informe de sua literatura, bem como as cartas que, ao longo de quatro décadas, escrevera a Lobato, ‘por se tratarem de coisas sem valor literário’ – Godofredo Rangel dava, ao morrer, mais uma prova de sua proverbial modéstia. [...].

Mas, mineiramente, com esse débil brilho de esperança, abre-se uma brecha que garante a sobrevivência do legado do escritor para o quadro do patrimônio cultural brasileiro: ele próprio, em uma nota afixada na pasta de suas cartas a Lobato, deixa a critério dos filhos a seleção daquilo que lhes parecer literariamente relevante.[[11]](#footnote-11)

Mesmo tendo ocupado cadeira na Academia Mineira de Letras, poucas pesquisas detiveram-se em estudar a produção literária de Godofredo Rangel. Constituem-se exceção somente duas dissertações, até o presente momento, que focalizam propriamente o tricordiano: *No balanço da* Barca de Gleyre*, vida e obra de José Godofredo de Moura Rangel,* de Darcy Piva Dessimoni e *A constituição do espaço em* Vida ociosa, *de Godofredo Rangel,* de Danyelle Marques Freire da Silva; merece destaque também a tese *A tradução na Era Vargas de 1930 a 1940: O Tarzan brasileiro de Manuel Bandeira, Monteiro Lobato e Godofredo Rangel,* de Célia Luiza Andrade Prado[[12]](#footnote-12), que recupera aspectos do trabalho de tradução desempenhado por Rangel, atividade esta que ocupou grande parte de sua vida por razões financeiras, tendo traduzido da língua francesa e inglesa um total de cinquenta e um títulos[[13]](#footnote-13).

Aliás, o biógrafo Enéas Athanázio, em 1988, já apontava a pouca atenção dada ao autor de *Falange Gloriosa*:

O escritor mineiro José Godofredo de Moura Rangel tem sido pouco estudado. Decorridos mais de trinta anos de sua morte, raros são os ensaios a seu respeito [...]

Não o registram, ou o fazem de modo incompleto, as enciclopédias e os dicionários de literatura, histórias e ensaios de crítica. Alguns lhe dedicam umas poucas linhas, mas enfatizando em demasia a correspondência com Monteiro Lobato, em detrimento de sua própria obra, relegada a segundo plano.[[14]](#footnote-14)

Em sendo assim, a pesquisa que se propõe para o doutoramento parte da correspondência reunida n’*A barca de Gleyre,* porém objetivando aprofundar-se na produção de Godofredo Rangel, especificamente no que se refre à sua produção em diferentes números da *Revista do Brasil,* entre janeiro de 1917 e abril de 1924.

Um levantamento feito por Enéas Athanázio recupera a trajetória de Rangel na *Revista do Brasil:*

* número 13 (janeiro de 1917): ensaio “O estilo de Fialho, p. 53-59;
* número 17 (maio de 1917): romance *Vida ociosa* (capítulos 1 a 4), p. 82-100;
* número 18 (junho de 1917): romance *Vida ociosa* (capítulos 5 a 7), p. 215-229;
* número 19 (julho de 1917): romance *Vida ociosa* (capítulos 8 e 9), p. 361-369;
* número 20 (agosto de 1917): romance *Vida ociosa* (capítulos 10 a 12), p. 506-519;
* número 21 (setembro de 1917): romance *Vida ociosa* (capítulos 13 a 15), p. 68-82;
* número 22 (outubro de 1917): romance *Vida ociosa* (capítulos 16 a 18), p. 210-223;
* número 24 (dezembro de 1917): romance *Vida ociosa* (capítulos 19 e 20), p. 524-536;
* número 25 (janeiro de 1918): romance *Vida ociosa* (capítulos 21 e 22), p. 49-58;
* número 30 (junho de 1918): conto “Meu parente”, p. 152-159;
* número 31 (julho de 1918): conto “O destacamento”, p. 307-316;
* número 41 (maio de 1919): conto “O oráculo”, p. 19-23;
* número 53 (maio de 1920): conto “Passeio ao céu”, p. 28-32;
* número 54 (junho de 1920): conto “O croisèe”, p. 122-126;
* número 55 (julho de 1920): artigo “A retirada da Laguna”, p. 269-272;
* número 77 (maio de 1922): ensaio “Frases feitas”, p. 79-81;
* número 78 (junho de 1922): conto “O convescote”, p. 173-176;
* número 79 (julho de 1922): artigo “Mealhas”, p. 267-269;
* número 81 (setembro de 1922): conto “O legado”, p. 50-56;
* número 87 (março de 1923): crítica “Aspectos mineiros”, p. 278-282;
* número 98 (fevereiro de 1924): comentário sobre seu livro de contos *Andorinhas*, p.159-160;
* número 98 (fevereiro de 1924): conto “Um animal estranho”, p. 188-190;
* número 100 (abril de 1924): conto “O bedel”, p. 313-316;

falar da recepção na revista

e da divulgação ver p.38

o que foi publicado, in edito, saiu em livro

a barca

A pesquisa aqui proposta para o doutoramento volta-se para o escritor Godofredo Rangel, partindo de sua

Estudo que focaliza a produção de Rangel

Sem associar a correspondência

MATERIAL E MÉTODO

Ao tomar a correspondência reunida em *A barca de Gleyre* como a principal fonte desta pesquisa para o mestrado, foi necessário compreender que as cartas não foram, aparentemente, escritas com o objetivo de serem publicadas, tendo, a uma primeira leitura, a finalidade de permitir a comunicação entre dois amigos.

A veracidade documental das cartas é sempre um assunto a ser discutido. A primeira edição de *A barca de Gleyre* sai em 1944, preparada por Lobato, o que remete a alguns aspectos intrínsecos das edições de cartas. Testemunha-se em diversas passagens n’*A barca* o processo de preparar a correspondência para publicação em livro, entre elas, a carta de 15 de setembro de 1943 sintetiza o preparo da edição:

Achei ótima a ideia de você mesmo bater na máquina as tuas cartas. Farei isso às minhas, e assim as depuraremos dos gatos, do bagaço, das inconveniências. Deixaremos só o bom – como as canas de chupar que a gente atora a ponta e o pé. Depois decidiremos sobre o que fazer. Imagine uma edição de Cartas Nossas em dois ou três volumes, coisa que nunca foi feita neste país!

Não posso formar opinião definitiva antes da datilografagem de tudo, da poda das pontas e pés e da ‘limpeza’ raspagem da cana. Numa das tuas há uma pequenina confissão que se sair impressa te deixa raso aí em Belo Horizonte. Aquela historia do...[[15]](#footnote-15)

Assim sendo, a questão da “veracidade” do gênero epistolar, embora sempre no horizonte deste trabalho, não o inviabiliza, uma vez que não se pretende discutir se as cartas são totalmente verídicas ou encenações; vamos apenas tomá-las como um recorte da realidade que o remetente quer mostrar a seu destinatário. Ou ao seu público, no livro.

Em se tratando *d’A barca de Gleyre,* qual recorte fazer diante de tantas perspectivas que a correspondência possibilita?

1. [↑](#footnote-ref-1)
2. [↑](#footnote-ref-2)
3. São aqui arroladas editoras e datas dos títulos de Godofredo Rangel: *Estudo práctico de Português* ([sl/sn], 1917); *Vida ociosa* (São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1920); *Andorinhas*. (São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1922); *A filha* (Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1929); *Um passeio à casa de Papai Noel* (São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1943); *Histórias do tempo do onça* (São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1943); *Os humildes* (São Paulo: Universitária, 1944); Os *bem casados* (São Paulo: Melhoramentos, 1955); *Falange gloriosa* (São Paulo: Melhoramentos, 1955). [↑](#footnote-ref-3)
4. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Ed. cit., p. 42. Carta de São Paulo, 09/12/1903. [↑](#footnote-ref-4)
5. DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências”. Trad. Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Brasalini. *Manuscrítica.* Revista de Crítica Genética, nº 15. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 129. [↑](#footnote-ref-5)
6. Como consta do histórico, o *Suplemento Literário*, quando criado, na década de 1960, sob a responsabilidade da Imprensa Oficial, saía semanalmente como encarte do jornal institucional do Estado, o *Minas Gerais*, o que durou até 1992. Interrompido em 1993, voltou a ser editado um ano depois, sob a chancela da Secretaria de Estado da Cultura, com o título simplificado para *Suplemento*, com periodicidade mensal e nova numeração. Os primeiros redatores foram os escritores mineiros Murilo Rubião, Laís Correa de Araújo e Ayres da Mata Machado Filho. O projeto *Suplemento Literário - Preservação*, desenvolvido, desde 1997, pela Biblioteca da Faculdade de Letras (Fale) da UFMG, tornou disponível uma versão eletrônica do *Suplemento,* por meio da digitalização e microfilmagem do acervo de 1966 a 2004, constituído de 1282 fascículos. Disponível através do endereço eletrônico <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/Lib/html/WebSupLit.htm>. [↑](#footnote-ref-6)
7. Cf. ATHANÁZIO, Enéas. *Godofredo Rangel.*Curitiba: Gráfica Editora, 1977. [↑](#footnote-ref-7)
8. IDEM. “Godofredo Rangel”. In:*Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, a. 19, n° 947, 24 nov. 1984, p. 4. [↑](#footnote-ref-8)
9. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Ed. cit., p. 565. Carta de São Paulo, 27/10/1943. [↑](#footnote-ref-9)
10. ATHANÁZIO, Enéas. *Godofredo Rangel*. Curitiba: Gráfica Editora 73, 1977, p. 47. [↑](#footnote-ref-10)
11. SAMPAIO, Márcio. “A outra barca”. In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, ano 19, n. 948, 1° dez. 1984, p. 8. [↑](#footnote-ref-11)
12. REFERÊNCIA DAS TESES [↑](#footnote-ref-12)
13. A lista das traduções pode ser encontrada em *O amigo escritor,* de Enéas Athanázio; entretanto, o biógrafo adverte da incompletude da relação, dadas as dificuldades em localizar tais dados.

    Cf. ATHANÁZIO, Enéas. *O amigo escrito.* Florianópolis: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte e Secretaria de Estado da Casa Civil, 1988, 68/9. [↑](#footnote-ref-13)
14. ATHANÁZIO, Enéas. *O amigo escrito.* Florianópolis: Secretaria de Estado de Cultura e do Esporte e Secretaria de Estado da Casa Civil, 1988, p. 7. [↑](#footnote-ref-14)
15. IDEM, ibidem, p. 560. Carta de São Paulo, 15/09/1943. [↑](#footnote-ref-15)